

J.B.  
14/3/97  
16

10

# Agenda em Atraso

Começou com um festival de lamúrias a conferência internacional Rio+5, que se propõe fazer um balanço do que se conseguiu de prático em matéria de desenvolvimento sustentável, cinco anos depois da Rio 92. As palavras do coordenador do simpósio, Maurice Strong, deram na abertura o tom de inevitável decepção: "Uma das grandes expectativas após a Rio 92 era que o fluxo de recursos para países em desenvolvimento aumentasse, mas o fluxo diminuiu."

Com efeito, os recursos esperados de organismos internacionais, governos e organizações não governamentais foram de longe ultrapassados pelo fluxo dos investimentos diretos privados, movidos essencialmente pelo lucro e sem compromisso com a causa ambiental. A mudança de orientação reflete o processo de globalização em curso, dominado por organizações que não se pautam por metas fixadas no âmbito das soberanias nacionais.

Há mais: a maior parte dos projetos realizados dentro das recomendações da Rio 92 foram iniciativas de prefeituras, províncias e governos de estado e tiveram caráter regional ou local. Nenhum país adotou um plano nacional completo para a Agenda 21, importante carta de intenções assinada cinco anos atrás.

No que diz respeito ao Brasil, fica a sensação de que as iniciativas adotadas às vésperas das conferências internacionais, como a criação do Comitê Nacional de Desenvolvimento Sustentável, criado uma semana antes da Rio+5, são logo abandonadas assim que os conferencistas estrangeiros tomam o avião.

Há várias maneiras de se avaliar resultados. Pode-se fazer, por exemplo, como o ministro do Meio Ambiente, Gustavo Krause, que embora admita existir um abismo entre o que foi proposto em 92 e o que

foi efetivamente realizado, procura ressaltar que os resultados obtidos seriam suficientes para impedir retrocessos.

As 113 mais bem-sucedidas experiências ecológicas brasileiras, que obedeceram critérios de sustentabilidade, replicabilidade, gestão em parceria e integração multissetorial, serviram de exemplo ao raciocínio, pois foram capazes de atrair investimentos de mais de US\$ 1 bilhão da iniciativa privada, das organizações não-governamentais e do próprio governo.

Mas não se deve esquecer de tudo aquilo que poderia ter melhorado e não melhorou. Um modelo de transporte errado, concentrado em ônibus e carros, com déficit grave de trens, metrô e pouca opção para pedestres. Redes de esgotos precaríssimas, despejando *in natura* no mar, na lagoa e na rede pluvial. Ocupação selvagem de morros, com desmatamento e acúmulo de lixo, provocando deslizamentos e enchentes. Poluição do ar e da baía, cuja dramática situação bastou para desclassificar o Rio como sede para as Olimpíadas de 2004.

O mais estranho é a tendência de algumas ONGs de se escandalizar com contrabandistas de aranhas caranguejeiras e silenciar sobre os terríveis estragos inflingidos ao meio ambiente pelas favelas, como a que avança de forma inexorável sobre o Parque Nacional da Tijuca.

A comunidade das nações como um todo, é verdade, ficou muito aquém das expectativas geradas em 92, e, apesar de avanços tópicos, pode-se dizer que o mundo continua trilhando um caminho não sustentável, eufemismo que atenua a expectativa de graves desastres ecológicos para as futuras gerações.

Não é fácil modificar em cinco anos mentalidades habituadas há décadas a dilapidar a biodiversidade sem sequer avaliar o impacto da destruição sobre nossos netos.